

**Identidade e experiência em
Pelo fundo da agulha de Antônio Torres**

*Prof. Dr. Maurício Silva**

RESUMO

O presente artigo analisa a questão da identidade no romance *Pelo fundo da agulha* (2006), de Antônio Torres, em que se testemunha a passagem da essência ontológica do homem do campo à condição de homem da cidade, deslocado de seu meio original e de sua condição existencial. O artigo assume como hipótese a ocorrência, nesse percurso, da *perda de identidade*.

PALAVRAS-CHAVE: Romance brasileiro contemporâneo; Antônio Torres; Identidade; Cidade *versus* campo

ABSTRACT

This article examines the issue of identity in the Antônio Torres novel *Pelo fundo da agulha* (2006), that witness the displacement of the ontological essence of the peasant to the condition of the urban man, displaced from its native environment and its existential condition. The article points out the hypothesis of occurrence of the *loss of identity*.

KEY WORDS: Contemporary Brazilian novel; Antonio Torres; Identity; City *versus* countryside

* Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo - Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil maurisil@gmail.com

Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela.

Albert Camus

Como em poucos momentos de nossa história cultural, a atual produção literária brasileira assiste a um dilema nascido da necessidade de lidar com o impreciso conceito de *diversidade cultural*, cuja consideração, no âmbito das manifestações artísticas, impõe desde o início pelo menos duas atitudes críticas: a urgência de uma revisão ampla dos paradigmas do conhecimento humano que dão sustentação à atividade literária, estabelecendo novos protocolos de apropriação, interpretação e reorganização da produção ficcional; e a imposição de um deslocamento epistemológico que passa do foro textual como centro do discurso estético para a consideração de outras instâncias conformadoras e legitimadoras da obra literária. Com efeito, a partir do avanço de teorias pautadas numa perspectiva pós-moderna da realidade cultural contemporânea, conceitos como os de *sujeito* e *centro* – fundamentais para a constituição de um saber unidirecional – cedem espaço a noções mais operatórias, como as de multiculturalismo, hibridismo cultural, estudos pós-coloniais e outros, os quais procuram traduzir, mais de acordo com uma realidade múltipla e diversificada, as formações culturais relacionadas ao mundo contemporâneo. E se, como quer Jameson (2002), em seu estudo sobre a relação entre cultura e globalização, a própria esfera da cultura se expandiu, coincidindo com a sociedade de consumo de tal modo que o cultural já não se limita às suas formas anteriores, tradicionais ou experimentais, é preciso levar em consideração as transformações por que têm passado não apenas a atual produção ficcional, mas também as mais recentes teorias da literatura, as quais procuram dar conta de um novo olhar que se impõe e das novas práticas de leitura e modos de relacionamento a que estão sujeitos o produtor cultural e seu produto.

Desse modo, sobretudo a partir da década de 1980, a Literatura Brasileira incorpora, com maior ou menor grau de evidência, temáticas relativas à questão da *diversidade*, redundando em obras que procuraram dar voz – no âmbito da representação literária – aos diversos extratos da sociedade, num arcabouço ideológico em que se inscreve uma nova vertente da literatura brasileira, a qual não apenas busca *tematizar* extratos sociais variados, mas torná-los componentes centrais da narrativa

contemporânea, dando-lhes um papel de destaque em nosso universo ficcional e dotando-os de um olhar crítico que destoa da média dos personagens historicamente consagrados pela prosa de ficção brasileira. Vivendo uma espécie de *deslocamento identitário*, tais personagens personificam uma identidade dramaticamente híbrida, em que a ideia de descentramento acaba por promover ininterruptos deslocamentos estruturais, dando origem aos conceitos permeáveis e interagentes de descontinuidade e fragmentação, tudo isso plasmado numa representação estética em que o espaço urbano revela-se a tônica da nova narrativa ficcional. Rompendo com a linearidade do realismo *tout court* e que, desde o advento do romance modernista, procura subverter as formas tradicionais de constituição da percepção do homem e do mundo que ele habita e instaurando o diverso, o oblíquo, o instável no âmbito da composição narrativa (ROSENFELD, 1973).

O presente artigo procura analisar o romance *Pelo fundo da agulha* (2006), de Antonio Torres, inserindo-o no contexto da literatura brasileira contemporânea, sobretudo nas possíveis relações que seu plano narrativo estabelece com a constituição de uma identidade híbrida, a qual, levada ao seu limite, desintegra-se pela ação radical de um processo de *desidentificação* do protagonista. Dialogando de perto com alguns estudos que publiquei outrora – tanto acerca da obra de Antonio Torres em geral, (SILVA, 1993) quanto acerca de seu romance *Essa Terra* (1976), em particular (SILVA, 1990) –, o presente estudo procura reconhecer na produção ficcional de Antonio Torres uma contínua reflexão sobre as mutações identitárias do migrante brasileiro inserido no contexto autofágico da implacável realidade urbana.

Autor de vários romances consagrados pela crítica, Antônio Torres lança mão de uma linguagem particularmente fluida: sua *écriture automatique*, mesclada a uma profunda investigação do subconsciente, faz-nos entrever pequenos vestígios de um surrealismo algo disperso. Contudo, melhor do que abordá-lo sob esta perspectiva - arriscada, por estar subordinada a um complexo matiz de conceitos estéticos; e limitada, por não alcançar todas as múltiplas nuances que uma obra literária forçosamente contém -, seria considerá-lo sob a ótica mais ampla e diversificada do intimismo psicológico, que, além de tudo, já conta com uma longa tradição na história recente de nossa literatura. Ainda assim, convém ressaltar que, ao contrário da prosa intimista mais *tradicional* (Dionélio Machado, Osman Lins, Clarice Lispector), em que o autor vai revelando para os leitores, em infinitas filigranas, seus sentimentos mais interiores,

Antônio Torres faz emergir de sua prosa uma verdadeira avalanche de sentimentos desencontrados e em estado bruto - daí também a utilização, vez por outra, de uma escrita inesperadamente entrecortada (LEITE, 1987).

É exatamente esse fluxo de consciência atípico, essa introspecção generalizada, que vai conduzir a narrativa de Antônio Torres - compreendida apenas enquanto fenômeno formal - a um resultado duplamente relevante: de um lado, constrói-se a impressão de uma linguagem “anárquica”, em sua relativa falta de linearidade espaço-temporal; de outro lado, sua escrita passa a refletir um árduo combate entre a lembrança do passado e a realidade presente, oscilando continuamente entre estes dois estados temporais.

Além desse aspecto que adquire ora contornos estruturantes da narrativa, ora artifícios estilísticos, não se pode negar o papel fundamental que – em sua diversificada produção ficcional – adquire a questão da migração, dando aos seus romances um indefectível cunho social. Assim, em Antônio Torres, o tema da migração desdobra-se, principalmente, em dois motivos recorrentes e relevantes: a dicotomia cidade-campo e a crise de identidade, conferindo certa dinâmica aos acontecimentos (como em *Um cão uivando para a lua*, 1982) ou tornando-se assunto central de determinadas obras (como em *Essa Terra*) e acessório em outras (como em *Um táxi para Viena d'Áustria*, 1991).

O romance *Pelo fundo da agulha* de Antônio Torres representa, como poucos, um *fazer literário* que não está isento das noções de hibridização, de descentramento ou de diversidade, conceitos que compõem, isoladamente ou em conjunto, as mais recentes propostas de criação literária aliadas à inovação estética, uma vez que concebe, entre outras coisas, um vínculo entre temática social e a representação de identidades complexas, tudo concorrendo para a conformação de uma escrita igualmente híbrida e fragmentada. Desfecho de uma saga que se inicia com *Essa Terra*, passando ainda por *O cachorro e o lobo* (1997), o romance em questão amplia o sentido de deslocamento, presente nas obras citadas, fazendo com que o termo seja ressemantizado e tenha maior alcance: *deslocar-se*, aqui, não exprime apenas uma conotação espacial (sentido prevalente do termo em *Essa Terra*), mas significa, sobretudo, *desidentificar-se*. Nessa nova acepção, a ideia de deslocamento aproxima-se e complementa um sentido maior e psicologicamente mais abrangente, que é o sentido de *perda da identidade*.

Com efeito, uma das marcas mais recorrentes desse romance refere-se à questão da identidade, que é representada no texto sob perspectivas diversas, já que se manifesta

ora em consonância com a imobilidade espacial, ora como resgate de um passado por meio da memória, ora ainda como transformação do interiorano em *homo urbanus*. Em relação ao primeiro modo, assistimos atônitos à passagem de uma mobilidade total (representado por Nelo, de *Essa Terra*) à condição de uma extrema imobilidade do protagonista, cujas lembranças são resgatadas com ele deitado sobre uma cama; em relação ao segundo, vemos a passagem de uma tentativa frustrada de retomar o passado (representado pelo retorno de Totonhim, de *O cachorro e o lobo*) à tentativa desesperada de mantê-lo por meio da memória; em relação ao terceiro, testemunhamos a passagem da essência ontológica do homem do campo (representado por Totonhim em *Pelo fundo da agulha*) à condição de homem da cidade, portanto, deslocado de seu meio original e de sua condição existencial. Em todos esses casos, cumpre ressaltar, o denominador comum é – como sugerimos – um fundo sentido de *perda da identidade*.

Como sugere Stuart Hall, ao analisar o mundo contemporâneo, a ideia de identidade passa, atualmente, por um processo de transformação em várias áreas do conhecimento, transformação que se caracteriza principalmente pela crítica à noção tradicional de uma identidade integral e unificada:

[...] as identidades não são nunca unificadas; (...) elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; (...) elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2003, p. 35).

De fato, fragmentária e híbrida, a representação da identidade, em *Pelo fundo da agulha*, manifesta-se sob uma tripla perspectiva: relacionada à ideia de deslocamento, à de memória e a uma questão ontológica, todas elas resultando no já citado fenômeno da *desidentificação* do protagonista.

Relacionando-se ao deslocamento, percebe-se que a manifestação da identidade, nesse romance de Antônio Torres, além de estabelecer uma proximidade com outras obras do autor, sugere o curioso fato de que o retorno concreto ao passado – isto é, à sua cidade natal, ao seio de sua família, de onde Totonhim teria saído “aos 20 anos, numa viagem sem volta”, (TORRES, 2006, p. 66) não o faz reencontrar a *identidade perdida*, arrancada à força aos que migram para a cidade grande; essa saga do deslocamento, “movimento pendular dos sem-chão: ir-e-vir, vir-e-ir”, (TORRES, 2006, p. 66) não

alivia sua dor, não encurta a distância da solidão, fazendo com que ele retorne à cidade grande mais *desidentificado* ainda: “voltou se sentindo um contador sem números, um orador sem palavras, um narrador sem fábulas, um peixe sem água, um pássaro sem asas” (TORRES, 2006, p. 67).

Instaura-se, por meio do processo de *desidentificação* da personagem – a qual resulta, direta ou indiretamente, como estamos demonstrando, do fenômeno do deslocamento migratório –, o universo da solidão no romance, aqui representado pela prática de Totonhim em falar consigo mesmo por não ter para quem contar suas histórias.

A solidão, bem como o isolamento social causado por sua condição de migrante, busca refúgio na memória, num contexto em que recordar é, ao mesmo tempo, situar-se *entre* as pessoas queridas e readquirir a identidade perdida, agora, num passado longínquo e distante. Relacionando, portanto, os conceitos de memória e identidade, o narrador faz dessa relação uma espécie singular de resgate de uma identidade pretérita, ingênua até, a qual, diferentemente daquela que se constrói no presente, não é *especular*:

O homem na cama riu. Estava a recordar-se de uma música dos *bons tempos*, que tocava no serviço de auto-falantes e nas rádios do interior. Tinham sido tão bons assim, aqueles tempos? Pelo menos eram mais simples, quando ainda se sonhava com um mundo a ser inventado, não exatamente este que está aí, do qual fugiria, se pudesse, para a Lua, onde, quem sabe, deveria haver um porto seguro e gente feliz, por não ter espelhos (TORRES, 2006, p. 45).

Desse modo, não apenas o protagonista, por meio de um ilusório resgate da identidade, mas todo o mundo à sua volta parece ganhar mais consistência ao se socorrer numa memória proustianamente recuperada, já que até mesmo o cheiro do coentro e do alecrim lhe trazia à mente a lembrança dos *sabores da infância*. Assim, as lembranças – embora o auxiliem a reconstruir a própria história e a definir sua identidade – surgem, ao mesmo tempo, como alívio e martírio de sua vida presente: a lembrança da mãe, da esposa, dos parentes, dos filhos, todos distantes, cala fundo em seu coração, mas é somente por meio desse expediente que Totonhim consegue manter o mínimo de integridade identitária. Esse vínculo entre memória e identidade guarda, no romance, um sentido estrutural, marcando as temporalidades da narrativa: é pelo resgate do *passado* que o protagonista procura reorganizar sua identidade esfacelada, a

qual teria se desintegrado, junto com sua vida pessoal, no *presente*. Desse modo, Totonhim já não é mais o pai, pela perda dos filhos; já não é mais o marido, pela perda da esposa; já não é mais o filho, pela perda da mãe... Por fim, já não é mais nem ele mesmo, pela perda inexorável de sua própria essência, de sua própria identidade. Semelhante recurso, no contexto específico do romance em causa, não deixa de ter um significado supra-ficcional, na medida em que se afirma como uma espécie de resistência à efemeridade do mundo contemporâneo. Com efeito, segundo Jean Baudrillard, as formas contemporâneas perderam o seu sentido e isso, logicamente, implica outra relação com a maneira como concebemos a identidade:

já não temos tempo – diz o filósofo – de buscar uma identidade nos arquivos, na memória, nem num projeto ou no futuro. Precisamos de uma memória instantânea, de ligação imediata, espécie de identidade publicitária que possa acontecer no mesmo instante (BAUDRILLARD, 1990, p. 30).

Porventura, o último recurso que lhe resta, a obsessão de Totonhim pelo passado emerge, aqui, como uma forma de resistência ao *apagamento do eu*, promovido de modo inexorável pela modernidade tardia.

É precisamente nesse sentido que podemos interpretar a relação que, em *Pelo fundo da agulha*, se estabelece entre identidade e ontologia. Nesse romance, pode-se afirmar sem perigo de exagero que a identidade constrói-se também pela diferença, pelo sequestro de uma *outra* identidade: no caso de Totonhim, sua identidade faz-se pela *negação* de uma identidade suposta, que o definia como “o irmão do suicida”, (TORRES, 2006, p. 123) qualificação que ele recusa peremptoriamente.

Com efeito, já se tornou um altruísmo o fato de que a construção de uma identidade só se faz por meio da relação direta com a alteridade, na medida em que nossa identidade afirma-se na oposição/contraste com o *outro*: somos o que somos em comparação (semelhanças e diferenças) com o outro, e essa é uma das chaves de compreensão do romance de Antônio Torres, que se inicia precisamente com estas palavras: “era outra a cidade, e outros o país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios” (TORRES, 2006, p. 7).

Trata-se, como vimos demonstrando desde o início, de um persistente processo de *desidentificação* do protagonista, que chega ao seu auge quando Totonhim se

descobre estrangeiro (*Eu, o estrangeiro*). Com efeito, referimo-nos aqui a um processo tão radical que, aos poucos, a personagem vai se autodenominando de modo impessoal (*o homem na cama*) e como que se desdobrando em dois: o narrador-personagem, que assume um papel autônomo, e o protagonista, visto de longe, deitado sobre uma cama...

Como sugerimos antes, temas diversos como o da existência, da memória ou do deslocamento se desdobram, neste romance de Antônio Torres, numa verdadeira *crise de identidade*. De fato, vítima de um persistente processo de (auto)exílio, Totonhim se situa nos interstícios da própria sociedade, vivenciando não uma identidade plena (supondo que essa fosse uma situação possível), mas antes uma identidade fragmentária e híbrida, uma quase não-identidade, resultado mais palpável de um pertinaz processo de *desidentificação*.

Essa condição, por assim dizer, intermediária, explica de modo cabal o fato de Totonhim, sem obter pleno êxito no resgate de um imaginário advindo do passado, não se amparar também numa realidade vinculada ao futuro: afirma-se, dessa forma, como autêntico deserdado, ser em transição, seja entre dois espaços distintos (campo / cidade), dois tempos diferentes (passado / futuro) ou mesmo duas personalidades diversas (eu / outro). Enfim, personagem que, a rigor, carece de um traço identitário definido, Totonhim vive plenamente a *crise de identidade* a que nos referimos, a qual encontra correspondência em outras situações e outras personagens do autor, seja na revolta de De Jesus (sintomaticamente também chamado de Estrangeiro), em *Os homens dos pés redondos*; seja na solidão quase crônica de A., personagem sem nome de *Um cão uivando para a lua*; seja ainda no elucidativo suicídio de Nelo, em *Essa Terra*.

O complexo de culpa do protagonista de *Um cão uivando para a lua*, por exemplo, tem muito a dizer sobre a crise vivida por esse retirante consciente de sua condição de indesejado: deixando para trás a família, culpando-se pelo que acredita ser uma desconsideração da sua parte, A. sente-se como um verdadeiro desenraizado na cidade que precisa conquistar; não bastasse isso, a própria *desidentificação* de algumas personagens do romance (que são chamados apenas pela primeira letra de seus nomes: A., T.) já se afirma como indício marcante desse fato. (TORRES, 1982) Mais do que o complexo de culpa vivido pelo protagonista desse romance, é a contundente experiência do encontro de Marília com a cidade grande, em *Carta ao Bispo*, que nos irá revelar todo o caráter trágico da *crise de identidade* presente nas obras de Antônio Torres:

Eu, Marília, gelei quando bati com a cara na primeira porta. Foi aí que descobri que eu simplesmente não existia. Fui uma invenção de um lugar, de um povo, de uma era, de mim mesmo. E nada disto existe (TORRES, 1979, p. 57).

Salta aos olhos o contraste brusco entre a afirmação deliberada e enfática de sua condição ontológica (*Eu, Marília*) e a posterior revelação de sua completa insignificância e anulação (*eu simplesmente não existia*), sobretudo se lembrarmos da já citada afirmação de Totonhim, em *Pelo fundo da agulha* (*Eu, o estrangeiro*).

Independentemente do determinismo social que possa resultar do conflito vivido por personagens colocadas num meio adverso, (SILVERMAN, 1981) o importante é notar a dimensão da crise de identidade advinda desse conflito, que vai funcionar como condicionador da personalidade de cada personagem e como elemento estruturador do próprio romance.

Não resta dúvida de que a crise de identidade a que vimos nos referindo ao longo desse estudo tem relação direta como a dicotomia cidade-campo – e seus consequentes desdobramentos – presente na maior parte dos romances de Antônio Torres, como ocorre maximamente em *Essa Terra* (TORRES, 1987): ao terminar a narrativa aconselhando Totonhim a partir para a cidade grande, mas deixando a frase em suspenso, sem completar o que ia dizer, seu pai traz à tona a face mais cruel do processo migratório, que se completaria na desidentificação vivida por Totonhim em *Pelo fundo da agulha*.

Em Antônio Torres, linguagem e ideologia conjugam-se num *corpus* literário de primeira grandeza, no qual o homem ocupa um lugar central: sujeito e objeto de toda a trama é também a medida de toda narrativa. Pouca importância possuem outros componentes da narrativa, já que tudo passa a ser minimizado diante da importância assumida pelas personagens, a qual se revela – como a crítica já sugeriu – por meio de uma singular *experiência do olhar*, (HELENA, 2008) o qual não está isenta de uma particular *percepção urbana* (FERRARA, 1988; HAUSER, 1985).

Como se houvesse narrativas paralelas – uma no presente, outra no passado –, o romance em questão vai se construindo como um enredo que se mira no espelho, em que o presente se acha incrustado no passado, e este, refletido no futuro. São temporalidades que se fundem interminavelmente, resultando numa composição prismática, caleidoscópica, feita, no final das contas, de memórias, recordações e

remissões a tempos que não voltam mais... Exílio, solidão e memória são termos de uma complexa equação, que o autor procura conciliar em *Pelo fundo da agulha*, fazendo desses e de outros conceitos uma base para a compreensão da identidade – instável, híbrida, furtiva e oblíqua – de Totonhim, em particular, e do migrante, em geral.

Camus (1997) – citado no decorrer da narrativa – questiona, em seu romance *O estrangeiro*, a possibilidade de um homem viver toda a sua existência olhando o mundo exterior unicamente pela janela de uma prisão. Mas seria possível – talvez se perguntasse Antônio Torres – levar toda a existência assistindo à passagem da vida por um intangível buraco de agulha?

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*. Ensaios sobre os Fenômenos Extremos. São Paulo: Papyrus, 1990.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERRARA, Lucrecia d'Aléssio. *Ver a cidade: Cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JAMESON, Frederic. *A cultura do dinheiro. Ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HAUSER, Susanne. The perception of the city. *Espace et Sociétés. Revue Critique Internationale de l'Aménagement de l'Architecture et de l'Urbanization*. France, No. 47, 1985.

HELENA, Lúcia. Uma sociedade do olhar: reflexões sobre a ficção brasileira. In: DALCASTAGNÉ, Regina (org.). *Ver e imaginar o outro*. Alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2008, p. 11-20.

LEITE, Lígia C. M. 'Ponteiros parados' ou a gênese do cão. In: TORRES, Antônio. *Essa Terra*. São Paulo: Ática, 1987, p. 03-08.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o Romance Moderno. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SILVA, Maurício. *Essa Terra*, de Antônio Torres: Um romance crítico-regionalista. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, No. 461: 09, Ago./Set. 1990.

_____. Antônio Torres e a Saga do deslocamento. *Letras & Letras*, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Vol. 09, No. 02: 79-88, Jul./Dez. 1993.

SILVERMAN, Malcolm. A 'Comédie Humaine' fatalista de Antônio Torres. *Moderna ficção brasileira 2 (Ensaaios)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Brasília, INL, 1981, p. 09-27.

TORRES, Antônio. *Carta ao Bispo*. São Paulo: Ática, 1979.

_____. *Um cão uivando para a lua*. São Paulo: Ática, 1982.

_____. *Essa Terra*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Data de submissão: 09/04/2013

Data de aprovação: 23/05/2013